

"Como pensar uma escola galega sem lingua rurais e nas mais vilas falem os mestres aos discipulos em castelhano onde as crianças o co-nhecem, se o co-nhecem, como uma lingua galega? [...] Não é absurdo que hoje nas escolas

dedicados aos problemas educativos na Galiza: fundamental de muitos dos seus múltiplos trabalhos e a subsequente realidade linguística das escolas e a reflexão sobre o futuro do país. Por este motivo, a reflexão sobre a futuro da lingua, e junto com ela, o outro tesouro equiparável à lingua, as crianças. As Para Viqueira, para o pedagogo, há na Galiza um rico tesouro oculto!"

"Galegos, amai a vossa lingua, porque ela é um alguma coisa se é possível.

doença e a morte prematura privaram de ser mais Europa comprometido com a Galiza a quem a tar o filósofo, o pedagogo, o poeta, o cidadão da certeza, são referências suficientes para a apresen- Alemanha (Wundt, G. E. Miller, Husserl). Com Sorbona de Paris (Bergson), Berlim e Leipzig na Universidade de Madrid (Francisco Giner), a I Institución Libre de Enseñanza e

De entre tudo aquilo que as/os galego-falantes passaram com firmeza a necessidade romântica da destaque. Pois foi ele quem, pela primeira vez, ultra- parece inevitavelmente necessário pôr em mento linguístico de Viqueira, há uma questão que pudemos, ou poderemos ainda, aprender do pensa- "Ainda existe uma outra razão para levar o galego mundo português[...]."

à escola. O porvir económico da Galiza [...] e o porvir cultural [...]]. O galego abre-lhe (à Galiza) o va:

las fosse uma ferramenta de trabalho útil e produ- galego que pudessem aprender os jovens nas esco- que o corunhês se preocupou também com que o cidadãos do futuro, passa inevitavelmente pelo esta- parece evidente também que o porvir das crianças, Das crianças depende o futuro da lingua, mas

dos?" chegar com verbos estrangeiros e incompreendi- as suas palavras à alma da criança. E como se pode pedagogia diz-nos que o mestre deve chegar com Casteia em português ou catalão. A mais simples 2 estrangeira? Isto é o mesmo que ensinar em

XOHÁN VICENTE VIQUEIRA

Textos tirados de:

-Ensaios e poesias



Apdo.27, Tui
Tfne: 609309780
www.mdl-galiza.org

Xohán Vicente Viqueira (1886-1924)



www.mdl-galiza.org



nº 3

3 defesa da língua simplesmente como símbolo do facto diferencial galego para reafirmar-se na necessidade da normalização linguística dum ponto de vista prático baseado na economia linguística. Será a reintegração na lusofonia a que fará, segundo as palavras do próprio Xohán Vicente, com que o galego seja essa ferramenta de trabalho útil e produtiva:

"O galego, pela sua semelhança com o português, é um instrumento de comunicação internacional que à Espanha inteira lhe convém cultivar e conservar. Um galego bilingue tem mais possibilidades de êxito no mundo que um que não conheça mais do que o castelhano, porque aquele tem abertos à sua actividade o mundo português (Portugal, suas colónias e o Brasil) e o mundo de língua castelhana, e o derradeiro só o mundo de língua castelhana."

Além disso, a firmeza da postura do reintegracionismo linguístico evidencia-se em Viqueira quando se refere aos materiais propostos para o ensino do galego:

"[...] Ademais temos as gramáticas portuguesas, que muito nos podem ensinar. E o mesmo digo dos dicionários [...]."

A língua portuguesa será assim fundamental para

5 *ma outra língua se escreve hoje foneticamente [...] a vulgar, usada por Rosalía de Castro, Carvajal e hoje usualmente, e a académica ou etimológica, admitida sabiamente pela Academia Galega, empregada por Pondal e, em geral pelos eruditos. [...] De estas duas a que temos que admitir é a etimológica, e isto pelos seguintes motivos: a) é etimológica; b) foi a nossa sempre e com ela estão escritas coisas tão belas como as cantigas do Rey Alfonso; c) é a mesma que a portuguesa e, portanto, possibilita as relações linguísticas entre os dois povos (Galiza e Portugal); d) coincide com as das restantes línguas latinas (francês, italiano). Dir-me-á alguém que é difícil. Responderei dizendo que é muito útil e que vale a pena aprendê-la. [...] De todas maneiras é questão de quinze dias ou um mês de trabalho. A melhor maneira de aprendê-la é não querer escre-ver com outra."*

Além da proximidade linguística, as afinidades culturais dos povos galego e português são, para ele, tão significativas que lhe permitiriam incluir as literaturas de ambos sistemas na mesma hipotética cadeira universitária:

"[...] na nossa faculdade de Filosofia haverá uma cadeira de língua e literatura galaico-portuguesa. Creio conveniente que para obter o grau de Doutor, se esta matéria se exige, que as teses se escrevam

4 a depuração linguística que fará do galego uma língua de cultura deixando atrás os complexos históricos:

"A nossa fala não tem de ser só um meio para falarmos aos camponeses [...]. A nossa fala tem de chegar a expressar a infinita riqueza da nossa alma galega e tem de encher aquela missão internacional de relações com os países de língua portuguesa[...]. O que quer dizer que [...] tem de se converter num [...] meio de cultura internacional [...]."

"É preciso trabalhar pois [...] pela depuração da língua. Neste trabalho teremos um grande auxílio no português, tão semelhante em tudo à nossa fala, e que possui um imenso desenrolo literário. Deve-se então por isto recomendar aos galegos que leiam quanto puderem literatura portuguesa e além disso que escrevam em português, o que lhes será sempre de proveito."

Viqueira compreendeu à perfeição a importância da normatização para a dignificação cultural da língua e para a sua utilidade comunicativa:

"Hoje existem três ortografias galegas. Uma delas é fonética; esta tem o inconveniente de que na Galiza há muitas fonéticas algumas ainda desconhecidas, e que nos isola do resto do mundo, sobretudo do português, pois nem este nem nenhu-

6 *em língua galega."*

As práticas reintegracionistas originariam também, em opinião do corunhês, resultados muito produtivos no sistema literário galego:

"Os leitores de galego podem ser numerosíssimos; quer dizer que quem escreve em galego escreve quase para meio mundo. Devemos lembrar que em Portugal e nos países de língua portuguesa a nossa literatura tem ardentes partidários [...] para adaptar a nossa literatura aos leitores portugueses temos de admitir a sua ortografia, quer dizer a hoje válida em Portugal só com aquelas modificações (bem pequenas por certo!) que exigem as diferenças da língua."

E este é que foi o homem, Xohán Vicente Viqueira, reintegracionista firme, consciente e conseqüente:

"Tenho uma razão fundamental contra a ortografia fonética: admitindo-a afastar-nos-íamos do mundo linguístico inteiro. E isolar-se é morrer! Nenhuma língua se escreve foneticamente. Sobretudo isolar-nos-íamos do português. O galego, não sendo uma língua irmã do português, mas uma forma do português (como o andaluz do castelhano), tem de se escrever pois como o português. Viver no seu seio é viver no mundo; é viver sendo nós mesmos!"